

DO ‘SONHO AMERICANO’ AO ‘SONHO EUROPEU’: O ROMANCE DE EMIGRAÇÃO *ESTIVE EM LISBOA E LEMBREI DE VOCÊ* (2009), DE LUIZ RUFFATO

<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2237-1184.v0i28p298-316>

Verena Dolle (Gießen)

Justus-Liebig-Universität Gießen (Alemanha)

RESUMO

Neste artigo abordarei o tema da Europa como destino de emigração do Brasil, um “sonho europeu” que é evocado no romance *Estive em Lisboa e lembrei-me de você* (2009), de Luiz Ruffato. Pretendo demonstrar que este romance pode ser visto como parte de uma “paisagem midiática” ou “paisagem ideológica” (*mediascape* e *ideoscape*, conceitos cunhados pelo teórico global Arjun Appadurai) que põem em xeque narrativas utópicas anteriores, nas quais a América (inclusive a América do Sul e o Brasil) surgem como lugares onde é possível realizar o sonho de um futuro melhor, e se voltam para a Europa. Ainda assim, o caráter distópico deste sonho é destacado e apresentado juntamente com a carnavalização das antigas ambições hegemônicas portuguesas.

ABSTRACT

In this article, I will focus on Europe as destination of migration from Brazil, a “European dream” that is evocated in Brazilian writer’s Luiz Ruffato novel *Estive em Lisboa e lembrei de você* (2009). I will show that this novel can be seen as a part of a Brazilian media- and ideoscape (in the sense of global theoretician Appadurai) that put into question former utopian narratives of America (including South America and Brazil) as places where to realize dreams of a better future and draw on Europe instead. Nevertheless, its dystopian traits are highlighted and presented together with the carnivalization of former Portuguese hegemonic claims.

PALAVRAS-CHAVE:

Sonho americano;
Sonho europeu;
Romance de migração;
Distopia;
Luiz Ruffato.

KEYWORDS

American dream;
European dream;
Immigration novel;
Dystopia;
Luiz Ruffato.

Luiz Ruffato, nascido em 1961, é considerado um dos mais interessantes e multifacetados escritores brasileiros da atualidade, das primeiras décadas do século XXI. Com ampla recepção internacional, começou por ganhar visibilidade no espaço de língua alemã no ano de 2013, quando participou na Feira do Livro de Frankfurt, que teve o Brasil como país homenageado, e aí proferiu o discurso de abertura¹, controverso e bastante discutido, ou mais tarde, em 2014, quando publicou um artigo na revista *Spiegel*, pouco antes do início do campeonato mundial de futebol.

No contexto desta edição da Feira do Livro de Frankfurt foram várias as considerações e apreciações feitas sobre a literatura brasileira contemporânea.² Nessas, Ruffato assume um lugar de destaque, particularmente graças às suas obras de estreia, como o romance *Eles eram muitos cavalos*³ (2001) e *Inferno provisório* (2005-2011), um conjunto de romances composto por cinco volumes, que foi louvado pela crítica pelo seu estilo de escrita inovador.

De acordo com as palavras de Cecília Almeida Salles na contracapa do terceiro volume *Vista parcial da noite*⁴ (2011 2006), Ruffato traça, em *Inferno provisório*, uma “cartografia do proletariado do interior de Minas Gerais”, descreve a sua evolução desde os anos 1950 até à atualidade e, enquanto ‘cronista’, procura dar visibilidade (literária) a um dos grupos menos presentes na opinião pública e com menor representação mediática. O autor encena e ficcionaliza a vida de uma classe operária marginalizada, com origens de imigração europeia, mais concretamente italiana – algo

¹ RUFFATO, Luiz. Discurso de abertura na Feira do Livro de Frankfurt. Disponível em: <http://faustkultur.de/1456-0-Festrede-von-Luiz-Ruffato.html>, 2013. Zugriff: 06.03.2016

² A este propósito, leiam-se as considerações presentes no caderno 121 da revista literária *Granta* (2012) sobre os/as vinte autores/as brasileiros/as mais jovens, ou seja, nascidos/as após 1972, ou no volume publicado por Susanne Klengel et al. intitulado *Novas vozes*, de entre as quais se destaca o texto de Friedhelm Frosch (In: KLENGEL, Susanne et al. edd. *Novas Vozes. Zur brasilianischen Literatur im 21. Jahrhundert*. Frankfurt am M./Madrid: Vervuert/Iberoamericana, 2013). É também de salientar que, já em 2007, veio a lume uma coletânea de ensaios dedicados ao romance urbano de Ruffato sobre a cidade de São Paulo *Eles eram muitos cavalos*, que sublinham a importância desta obra no panorama literário brasileiro e a sua estrondosa recepção. (Ver: HARRISON, Márquerite Itamar. *Uma cidade em camadas: ensaios sobre o romance Eles eram muitos cavalos de Luiz Ruffato*. Vinhedo, SP: Editora Horizonte, 2007.)

³ RUFFATO, Luiz. *Eles eram muitos cavalos*. Rio de Janeiro et al.: Editora Record, 2001.

⁴ RUFFATO, Luiz. *Vista parcial da noite (Inferno provisório, III)*. Rio de Janeiro et al.: Editora Record, 2011 [2006].

que aponta para uma certa ligação autobiográfica –, que contrasta manifestamente com os discursos oficiais dos governos acerca do sucesso da ‘ordem e progresso’, do desenvolvimento e ascensão social e da vida sonhada pelos migrantes no Novo Mundo, isto é, num sentido mais lato, de um ‘sonho americano’ não confinado ao território dos EUA.⁵ Todas as personagens do mundo de Ruffato, que originalmente se localizam em Cataguases na região de Minas Gerais, mas que depois realizam movimentos de migração típicos do século XX – tais como a deslocação para as grandes cidades e para as megalópoles do Brasil (visível em *Eles eram muitos cavalos* e *Inferno provisório*) ou migração para além das fronteiras nacionais (em *Estive em Lisboa e lembrei de você*) –, lutam à beira da precariedade por uma existência digna, reconhecimento social e por uma vida com condições materiais razoáveis, bem como por melhores oportunidades de progressão na sociedade, se não por si, pelo menos pelas gerações vindouras. O universo apresentado é um universo restrito, algo desolador, marcado pela pobreza e violência estrutural, pela desigualdade étnica e social, pelo consumo de álcool e de drogas, mas onde ainda assim se constata uma certa solidariedade interpessoal e união emocional. A trama é narrada de forma “insignificante” (Corrêa 2016, s.p.⁶) e lacónica, sóbria e sem romantismo social. Uma das

⁵ Com isto, Ruffato tem em mira aqueles espaços vazios e lacunas no discurso de identidade brasileiro do século XX, que foram repetidamente observados de forma crítica por diversos intelectuais, como por exemplo Vilém Flusser, o filósofo checo bastante influente no Brasil. Este filósofo olha para o Brasil da década de 1950 como um país estratificado, dividido económica e socialmente em três grupos: um grande número de trabalhadores migrantes seminómadas, que vivem em busca das colheitas, seguido do operariado das cidades, composto na sua maioria por imigrantes, e ainda a burguesia, constituída em parte por imigrantes, em parte por descendentes de imigrantes portugueses. Segundo Flusser, apenas o grupo mencionado por último é que estava responsável pela tecedura da pátria (cf. FLUSSER, Vilém. “Wohnung beziehen in der Heimatlosigkeit”, In: ders. Von der Freiheit des Migranten. Einsprüche gegen den Nationalismus. Bensheim: Bollmann, 1994, p. 15-30 (cf. p. 25)). A obra literária de Ruffato apresenta-se como seguidora da tradição de João Guimarães Rosa, também ele oriundo de Minas Gerais e, em certa medida, um exemplo para Ruffato (cf. FROSCH, “Friedrich. . “Eine Polyphonie mit ungewisser Route”, In: Klengel, Susanne et al. edd. Novas Vozes. Frankfurt am M./Madrid: Vervuert/Iberoamericana, 2013, p. 23-53. (cf. p.37)). De acordo com a convincente interpretação de Bolle, o seu romance de grande importância histórica *Grande Sertão: Veredas* (1956) pretende superar, através da situação dialógica da confissão de vida do simples protagonista do campo em relação aos cidadãos instruídos, a perda de comunicação entre a burguesia e a língua do povo simples (cf. BOLLE, Willi. 2009. “Die luziferische Funktion der Sprache. Über Vilém Flusser und João Guimaraes Rosa”, In: Klengel, Susanne & Siever, Holger. edd. Das Dritte Ufer. Vilém Flusser und Brasilien. Würzburg: Königshausen & Neumann, 63-79). (cf. p.78)). Segundo apurei, as conexões entre Ruffato e Guimarães Rosa, a sua configuração de língua regional e tonalidade, ainda não foram até ao momento objeto de estudo aprofundado.

⁶ CORRÊA, Marina. “Wie ein Vogel in der Falle” (Rezension von L. Ruffato, Ich war in Lissabon und dachte an dich), 2016.

Disponível em: <http://diepresse.com/home/spectrum/literatur/4925033/print.do> ,
Zugriff: 03.03.2016.

particularidades do discurso narrativo das obras de Ruffato prende-se não só com o facto de as personagens tomarem a palavra com frequência, bem como com o quase desaparecimento da instância narrativa (heterodiegética): cabe assim ao leitor ter de lidar com um significativo grau de (aparente) imediatismo e oralidade (fictícia). Esta última apresenta-se de facto como particularmente complexa e artificial, uma vez que é composta por diálogos entrelaçados e porque reproduz, de forma multifacetada, pensamentos de diversos planos temporais e personagens.

A estreiteza do mundo e a falta de perspetivas profissionais das personagens também é visível no espaço (urbano) envolvente – seja ele Cataguases, São Paulo ou Lisboa, é apresentado a partir do prisma subjetivo, parcial e restrito de cada uma das personagens, quase sem intercalações de uma instância narrativa que comente, que perspetive, que ofereça uma visão panorâmica sobre a ação.⁷ Assim, o leitor é forçado a aventurar-se nesta perspetiva ‘de igual para igual’.

Em *Inferno provisório*, Ruffato desenha uma história de uma imigração europeia – aliás, predominantemente italiana –, para o Brasil no século XX⁸ e debruça-se sobre as promessas que lhe estiveram associadas, assim como sobre as esperanças de ascensão social e sucesso material. Estas são alimentadas pela projeção que, desde há séculos e desde o momento da descoberta da América, consiste em viver uma vida melhor neste *mundus novus*, num ambiente mais agradável em termos climáticos (de acordo com as descrições dos primeiros cronistas sobre o Brasil) e poder implementar novas formas de organização social (como propagaram, desde logo, as ordens cristãs, sobretudo as franciscanas). Esta ideia, para a qual James Truslow Adams cunhou o termo bastante influente “American Dream” na sua obra *The Epic of America* ⁹ em 1931, existe desde o século XVIII e foi reforçada pelos atores da independência dos EUA, tendo sido entretanto utilizada e amplamente difundida.¹⁰ Até

⁷ Refiro-me aqui às considerações de Andreas Mahler sobre as diversas formas de criação literária de cidades enquanto “cidades-textuais”, particularmente no que diz respeito à modelização da constituição discursiva da cidade como visão da cidade limitada e dependente do sujeito por oposição a um olhar controlador de uma perspetiva panorâmica (MAHLER, Andreas. “Stadttexte – Textstädte: Formen und Funktionen diskursiver Stadtkonstitution”. In: ders. ed. *Stadt-Bilder: Allegorie, Mimesis, Imagination*. Heidelberg: Winter, 1999, 11-36. (cf. p. 21)).

⁸ Entre 1880 e 1969, o número de imigrantes italianos rondava os 30%, logo a seguir ao dos portugueses, que perfazia os 31% (Stelzig 2008, 2).

⁹ ADAMS, James Truslow. *The Epic of America. With a new introduction by Howard Schneiderman*. New Brunswick/London: Transaction Publishers, 2012 (1931).

¹⁰ Vd. Adams (2012); S. Schnicke (2010, 8s.) faz uma distinção, no que diz respeito às componentes do “American Dream” que ultrapassam o mero plano material, entre a dimensão individual, social e religiosa. A forte aposta do Estado brasileiro na imigração, já a partir de 1880, para atrair mão-de-obra para o sector agrícola (Stelzig 2008, 2; Lesser 1999; Martínez 2003,

meados do século XX, os movimentos de migração decorrem da Europa para a América do Norte e do Sul, impulsionados pela esperança não só de obter rendimentos próprios melhores do que aqueles conseguidos no país de origem, como também de alcançar liberdade individual e igualdade ou até mesmo um estado de ‘felicidade’; no caso do Brasil, a atração consistiu também na utopia de progresso, de modernização e de ‘democracia racial’, da democracia étnica e igualdade de direitos, tal como foi propagada nos anos 40 por Getúlio Vargas e se estabeleceu como “ideologia cultural” (Roth 1994¹¹, 455).¹² Enquanto que em *Inferno provisório* Ruffato se debruça sobre o caminho das mulheres e homens que emigraram para o Brasil, sobre o fracasso e não-concretização das esperanças neste novo país, em *Estive em Lisboa e lembrei de você*¹³ – um romance breve, de 83 páginas, publicado em 2009 – concentra-se no movimento inverso: o da migração oriunda dos países vistos como periféricos (num sentido pós-colonial), como o Brasil, Cabo Verde, Angola ou Ucrânia, em direção à Europa, mais concretamente para Portugal, o antigo ‘centro’ do império colonial.¹⁴

Esta alteração na direção dos movimentos migratórios – que questiona o próprio papel tradicional de Portugal enquanto país de partida da

Sales & Salles do Rosário 2002) fez com que a ideia, associada à migração, de realização de determinados planos individuais, sociais e religiosos se fortalecesse como nunca, consolidando-se no discurso oficial e na identidade nacional tal como nos EUA – desde a *Declaration of Independence* e da *Bill of Rights* –, e continuando bastante influente, tanto na ficção, nos filmes de Hollywood (Dolle 2007), como no discurso político (Schnicke 2010, 12f.; Hanson & White 2011, 147). (Sobre o assunto ver mais em: DOLLE, Verena. “Amerika als Ort der Freiheit? Die Eroberung Mexikos als Erinnerungsort in Captain from Castile (USA, 1947)”, In: Fendler, Ute & Wehrheim, Monika. edd. Entdeckung, Eroberung, Inszenierung: Filmische Versionen der Kolonialgeschichte Lateinamerikas und Afrikas. München: Meidenbauer, 2007, p. 27-52. / SCHNICKE, David. “Introduction”, In: ders. ed. E Pluribus Unum. The American Dream in Contemporary Hollywood Movies and Barack Obama’s Presidential Campaign. Marburg: Tectum Verlag, 2010, p. 5-21. / HANSON, Sandra & WHITE, John. edd. The American Dream in the 21st Century. Philadelphia: Temple UP, 2011).

¹¹ ROTH, Wolfgang. “Kulturelle Identität”, In: Briesemeister, Dietrich et al. edd. Brasilien heute. Politik – Wirtschaft – Kultur. Frankfurt a.M.: Vervuert, 1994, p. 449-463.

¹² O fracasso deste projeto e as grandes desigualdades sociais no país, que contrariam o discurso de sucesso oficial, são criticados repetidamente pelo próprio Ruffato, por exemplo no discurso de inauguração da Feira do Livro de Frankfurt, intitulado “A democracia racial é um mito” [„Rassendemokratie ist ein Mythos“] (Ruffato 2013).

¹³ RUFFATO, Luiz. *Estive em Lisboa e lembrei de você*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

¹⁴ É indiscutível que termos como ‘centro’ (europeu) e ‘periferia’ (não-europeia) – termos amplamente discutidos nos estudos pós-coloniais – são simplificadores e que não representam a variedade das redes de relacionamentos de facto existentes (In: BACHMANN-MEDICK, Doris. “The Postcolonial Turn”, in: dies.: Cultural Turns: New Orientations in the Study of Culture. English translation by Adam Blauhut after a completely revised and updated German edition. Berlin: De Gruyter, 2016, p. 131-173 (131s.)). Justamente em relação a Portugal, verifica-se por exemplo também o emprego do termo “semiperiferia” (à margem da Europa, virado para o Atlântico e para o espaço não-europeu) (Fernandes 2015, 163). Estes termos não serão aqui vistos como fixos, apenas assumem uma função heurística, orientadora.

migração e assim levanta questões sobre a identidade coletiva e o comportamento em relação ao outro, tal como apresentado no artigo de Becker (2015)¹⁵ –, verifica-se a partir da década de 1980 e experimenta um novo fluxo – de Portugal para a Europa Central, para Angola ou também para o Brasil – em virtude da crise económica europeia de 2008 (vd. Stelzig 2008¹⁶, 6; Córdoba Alcaraz 2012¹⁷; Fernandes 2015¹⁸, 163-165; Yepes del Castillo & Herrera 2007¹⁹; Ayuso 2009²⁰ e Cano Linares 2012²¹).

O romance de Ruffato resulta de um trabalho encomendado, compondo o terceiro volume de um projeto de 2007, intitulado *Amores expressos*.²² Este romance recria ficcionalmente aquilo que designo por ‘European Dream’, ou seja, pela verificação de que não é mais o ‘Mundo Novo’, mas sim a ‘Velha Europa’ que se apresenta como um lugar desejado de ‘oportunidades ilimitadas’ e da tão sonhada ascensão da

¹⁵ BECKER, Luzia Costa. “Globalização – migração – lusofonia: Novas dimensões na construção da alteridade”, in: Schmuck, Lydia & Corrêa, Marina. edd. *Europa im Spiegel von Migration und Exil/Europa no contexto de migração e exílio. Projektionen – Imaginationen – Hybride Identitäten/Projeções – Imaginações – Identidades híbridas*. Berlin: Frank & Timme, 2015, p. 203-235.

¹⁶ STELZIG, Sabine. Länderprofil Brasilien. Disponível em: http://focus-migration.hwwi.de/typo3_upload/groups/3/focus_Migration_Publikationen/Laenderprofile/LP_15_brasilien.pdf, 2008, Zugriff: 09.03.2016.

¹⁷ CÓRDOBA ALCARAZ, Rodolfo. Rutinas y dinámicas migratorias entre los países de América Latina y el Caribe (ALC), y entre ALC y la Unión Europea. Brüssel: Organización Internacional para las Migraciones (OIM). Disponível em: http://publications.iom.int/bookstore/free/Rutas_Migratorias_Final.pdf, 2012, Zugriff: 27.05.2015.

¹⁸ FERNANDES, Cláudia. “A máscara europeia do emigrante português: Política e memória”, in: Schmuck, Lydia & Corrêa, Marina. edd. *Europa im Spiegel von Migration und Exil/Europa no contexto de migração e exílio. Projektionen – Imaginationen – Hybride Identitäten/Projeções – Imaginações – Identidades híbridas*. Berlin: Frank & Timme, 2015, 153-170.

¹⁹ YÉPEZ DEL CASTILLO, Isabel & HERRERA, Gioconda. edd. *Nuevas migraciones latino-americanas a Europa. Balances y desafíos*. Quito: FLACSO Ecuador (et al.), 2007.

²⁰ AYUSO, Anna. “Migración en el contexto de las relaciones entre la Unión Europea-América Latina y el Caribe”. Brüssel: European Parliament, ed. 2009. Disponível em: http://www.europarl.europa.eu/intcoop/eurolat/working_group_migration/meetings/27_28_01_2010_brussels/dossier/study_migration_es.pdf, Zugriff: 23.10.2014.

²¹ CANO LINARES, María de los Ángeles. ed. *Migraciones internacionales en el espacio iberoamericano del siglo XXI*. Madrid: Dykinson, 2012.

²² Friedrich Frosch (2013, 49s.) refere que este projeto, iniciado por Rodrigo Teixeira – proprietário da empresa de entretenimento RT Features – e sob a direção do escritor João Paulo Cuenca tinha como propósito criar uma história de amor, que deveria ambientar-se numa cidade considerada ‘exótica’ para os escritores. Este projeto deveria ter um ‘forte impacto’, realizando-se não só com o apoio dos media através de blogs e programas de entrevistas, bem como com a possibilidade de adaptação cinematográfica. No ano de 2015, o romance de Ruffato foi adaptado para filme e estreou nas salas de cinema com o mesmo título, sob a direção de José Barahona. Esta versão cinematográfica retoma o carácter pseudo-documental do romance e destaca as experiências dos imigrantes em Portugal, que aparecem eles próprios – enquanto atores amadores ou não-atores – em frente das câmaras. [Estive em Lisboa e lembrei de você. 2015. Regie: José Barahona, Prod.: Refinaria Produções (Brasilien), David & Golias (Portugal), Mutuca Filmes (Brasilien)].

miséria à fortuna (do Inglês: “from rags-to-riches”) – algo que, como se observa atualmente, desafia a identidade nacional e europeia.²³ *Estive em Lisboa e lembrei de você* relaciona-se assim, no plano da América Latina, com um questionamento atual que tem lugar na ficção sobre as narrativas nacionais de autorrealização – tais como aquelas que, de forma mais veemente, os EUA encabeçaram logo desde a Constituição de 1776 com os direitos inalienáveis “Life, Liberty, Pursuit of Happiness” e igualdade do indivíduo desde o nascimento, mas que também se repercutiram como uma motivação para a migração para o Brasil.²⁴

Desta forma, a literatura reage – tal como o cinema, um *medium* que esboça mundos alternativos e outras opções para agir – ao facto de a migração, tanto aquela interna como aquela transnacional, transfronteiriça, se ter tornado nos séculos XX e XXI, nos tempos da globalização, um fenómeno crescente que afeta milhões de pessoas. Questões que se prendem com a integração territorial, regional e étnica – ou até, em certa medida, confessional –, com a configuração do encontro entre pessoas de diferentes culturas no país de acolhimento: seja na forma de assimilação ou enquanto fenómenos multiculturais, interculturais ou transculturais, todas elas são não só colocadas e tratadas na vida real, como também se formam permanentemente no plano da imaginação cultural.

Ainda assim, é de salientar que a literatura não *reage* somente a um fenómeno da vida real, mas participa – juntamente com os outros meios de comunicação (de massa) – na geração de novos destinos e esperanças de migração, e isto porque as conceções desses novos destinos são de facto profundamente marcadas pelo cunho mediático, recorrendo a determinadas ideias e narrativas. Esta situação é designada pelo etnólogo e antropólogo indiano Arjun Appadurai nas suas pesquisas sobre

²³ Este termo ainda não é muito usado na atualidade. Ainda assim, e por causa dos números da migração das últimas décadas em direção à Europa, julgo que se revela adequado. No que diz respeito à investigação sobre a América Latina, Villa Martínez (2011, 340) é o único que, com base nas respetivas estatísticas da migração, se refere a esta mudança do ‘sonho americano’ para um ‘sonho europeu’ com motivações materiais. (Ver mais em: VILLA MARTÍNEZ, Marta Inés. “Desplazados y refugiados: Entre ser, merecer y ocultar su situación. A propósito de la migración forzada de colombianos en Colombia, Ecuador y Canadá”, In: Feldman-Bianco, Bela et al. edd. *La construcción social del sujeto migrante en América Latina: Prácticas, representaciones y categorías*. Buenos Aires/Quito: CLACSO/FLACSO, 2011, p. 339-366).

²⁴ O ‘sonho americano’ associado aos EUA é, do ponto de vista latino-americano, e à luz dos elevados números de emigração, tratado de forma bastante crítica, por exemplo no romance *American Visa* (1994), de Juan de Rebacoecheas, o romance boliviano mais bem-sucedido de todos os tempos; mais recentemente também no romance homónimo *American Visa* (2013) do chileno Marcelo Ríos ou ainda nos romances de diversos autores mexicanos (vd. MORA ORDÓÑEZ, Edith. “Del sueño americano a la utopía desmoronada: cuatro novelas sobre la inmigración de México a Estados Unidos”, In: *Latinoamérica. Revista de Estudios Latinoamericanos* 54, 2012, p. 269-295).

migração no mundo globalizado nos finais do século XX através dos neologismos *ethnoscape*, *mediascape* e *ideoscape*:

perspectival constructs that depend on the historical, linguistic, and political situatedness of different kinds of actors: nation-states, multinationals, diasporic communities, and subnational groupings and movements, whether religious, political, or economic, etc. (Appadurai, 2012, p.98).²⁵

Um aspeto fundamental na sua análise é o papel da imaginação na vida social e assim também nas decisões respeitantes à migração – imaginação essa essencialmente alimentada pelos meios de comunicação de massa modernos: “a constructed landscape of collective aspirations [...] mediated through the complex prism of modern media”.²⁶ Estes media (por exemplo a literatura, o cinema, a televisão, a imprensa, ou outros “mediascapes”, na terminologia de Appadurai) recorrem a determinadas ideias e ideologias, que actuam como *ideoscape*, isto é, “a kind of underlying master narrative” (Appadurai 1996, 35). Eles transmitem aos indivíduos repertórios visuais e narrativas, bem como *ethnoscapes*, transnacionais, principalmente de foro étnico e baseadas em (ideias de) grupos e de integração em grupos, que em conjunto contribuem para gerar novas narrativas e, num mundo algo confuso, criar uma certa coerência (cf. Appadurai 1996, 33-36).²⁷

É aliás neste contexto de configuração mediática da migração que se deve situar o romance de Ruffato. A Europa, e mais concretamente Portugal, já não é aqui modelado como país de partida, mas sim como país de chegada da migração transatlântica e das esperanças que lhe estão

²⁵ In: APPADURAI, Arjun. “Disjuncture and Difference in the Global Cultural Economy”, in: Lechner, Frank & Boli, John. edd. The Globalization Reader. Chichester: Wiley & Sons, 2012, p. 94-104.

²⁶ In: APPADURAI, Arjun. Modernity at Large – Cultural Dimensions of Globalization. Minneapolis (et al.): University of Minnesota Press, 1996, p.31; Bachmann-Medick (2016, 163) refere que a investigação do papel das relações transculturais nos meios de comunicação e os seus efeitos continua a ser um objeto de estudo bastante desejado.

²⁷ Vários estudos (realizados por exemplo por Hepp & Bozdag & Suna 2011; Butterwegge & Hentges 2006, apenas para mencionar alguns) têm considerado nos últimos anos cada vez mais o papel dos meios de comunicação de massa para as decisões sobre migração e têm-se focado também na interconexão transnacional, distanciando-se dos fatores de desincentivo e atração que fazem parte da investigação clássica sobre migração. (Ver mais em: HEPP, Andreas & BOZDAG, Cigdem & SUNA, Laura. • Mediale Migranten. Mediatisierung und die kommunikative Vernetzung der Diaspora. Wiesbaden: Verlag für Sozialwissenschaften, 2011 / BUTTERWEGGE, Christoph & HENTGES, Gudrun. edd.Massenmedien, Migration und Integration. Herausforderungen für Journalismus und politische Bildung. Wiesbaden: Verlag für Sozialwissenschaften, 2006.).

associadas.²⁸ Ruffato recorre às *master narratives* dos sonhos de migração já existentes e participa na sua construção mediática e desenvolvimento.

Em *Estive em Lisboa e lembrei de você*, as personagens, sobretudo o protagonista e narrador autodiegético Sampaio, evocam a ideia de Portugal enquanto lugar desejado e promotor de sucesso material, como um ‘sonho americano’ projetado sobre a Europa, que assume assim a função de *ideoscape* na aceção de Appadurai. Juntamente com outros migrantes, homens e mulheres de outros países – como Angola, enquanto parte do antigo império colonial português, Ucrânia, seus compatriotas e outros migrantes portugueses entretanto regressados do Brasil –, o protagonista vê-se confrontado com a realidade de uma dura competição para obter trabalho e rendimentos numa cidade fria, não só do ponto de vista climático.

O romance é composto por duas partes relativamente idênticas na sua extensão, cujo título inclui pretensões da vida quotidiana: “Como parei de fumar” e “Como voltei a fumar” – quase uma expressão da vontade de “normalidade” numa situação extraordinária (vd. Corrêa 2016, s.p.).

Sérgio de Souza Sampaio é o narrador autodiegético, algo ingênuo, que narra a um ‘ouvinte’ que não aparece na ação, mas apenas na nota introdutória do paratexto e tem as iniciais L.R. (e que terá registado todo o relato, editando-o pontualmente, de acordo com a conceção de ficção narrativa típica do *testimonio*, Ruffato 2009, s.p.) os últimos seis anos e meio da sua existência: a sua vida em Cataguases, Minas Gerais, o seu casamento forçado com uma mulher que revela distúrbios mentais, a perda do seu emprego e a migração para Lisboa; o seu trabalho como ajudante de mesa num restaurante, que lhe traz esperança em relação a uma consolidação financeira e a um regresso ao Brasil, o fracasso desta perspectiva depois do seu despedimento e finalmente a sua imersão na mundo da ilegalidade daqueles que não têm documentos, depois de se ter deixado levar pelas promessas de uma sua compatriota, por quem se apaixonara. O romance termina assim de forma relativamente pessimista, sem esperanças quanto a um breve regresso ou à possibilidade de sucesso. Em termos literários, é visível a rejeição em relação a qualquer espécie de perspectiva otimista ou final feliz, bem diferente daquilo que se verifica nos romances anteriormente mencionados de Marcelo Ríos ou Rebacoechea.

²⁸ A propósito da migração ítalo-argentina nos dois séculos XX e a sua modelação literária, em que a emigração transgeracional de regresso à Europa é normalmente avaliada como um fracasso e uma derrota, leia-se Cattarulla 2012 e 2013, bem como Wamba Gaviña 2010 (In: WAMBA GAVIÑA, Graciela. “Frankreich, Italien und andere europäische Länder in der neuesten argentinischen Literatur“, in: Kailuweit, Rolf et al. edd. Migration und Transkription – Frankreich, Europa, Lateinamerika. Berlin: Berliner Wissenschafts-Verlag, 2010, p.179-190).

Dois temas perpassam a obra e recorrem a determinadas *ideoscapes*: em primeiro lugar, o da migração enquanto fracasso, por oposição à ideia do ‘sonho americano’; em segundo, aquele relacionado com as experiências na sociedade do país de chegada, que é apresentada essencialmente como sendo hostil, reservada, e que se destaca sobretudo pela diferença linguística e pela hierarquização, dirigindo-se especificamente a uma ideia lusófona de uma comunidade cultural e linguística.

Neste contexto, a análise focar-se-á seguidamente em dois aspetos:

1. a configuração da migração no que diz respeito ao conteúdo, no plano da ação, e o *ideoscape* que lhe está associado, com base nas biografias das diferentes personagens;
2. o já mencionado papel da(s) língua(s) enquanto elemento fundamental de uma identidade cultural e de uma comunidade supranacional de falantes lusófonos e, assim, de uma integração bem ou malsucedida na sociedade do país de chegada.

1. **Biografias de migração em *Estive em Lisboa e lembrei de você***

Logo no relato do narrador na primeira pessoa – e que por sua vez remete para a situação narrativa do já referido romance *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa – entrecem-se, sempre filtradas por ele e de forma subjetiva, narrativas de outros percursos de vida de homens e mulheres migrantes. Estas narrativas traçam um panorama multifacetado, focado nos lados sombrios, de uma migração global, fundamentalmente oriunda das interconexões do império colonial português e de uma consequente variedade linguística no Portugal do início do século XXI. Temporalmente, situam-se depois da introdução do euro e, tendencialmente, também no contexto da crise económica de 2008, com uma concorrência mais feroz e uma situação laboral mais problemática:

- a carreira, filtrada pelo narrador autodiegético em cerca de duas páginas, de Carrilho, um português oriundo de Trás-os-Montes, uma zona rural e um exemplo clássico de uma região de emigração, que prosperou no Brasil por meio de trabalho árduo e depois regressou a Portugal (Ruffato 2009, 47-49; as próximas referências ao texto serão feitas apenas através da indicação dos números das páginas). Em certa medida, Carrilho foi a única personagem que concretizou o ‘sonho americano’, apesar de este não ter durado muito. Enganado por um compatriota e pelo seu próprio genro, encontra-se agora no país natal que, porém, já não representa para si a sua pátria, uma vez que não lhe oferece nem um vínculo nostálgico ao passado nem um futuro (“Sem passado e sem futuro”, 49); Carrilho sente-se à deriva e vive literalmente à beira da

pobreza, numa situação intermédia, ou seja, numa pensão, sem casa própria;

- Sheila, a prostituta brasileira por quem o protagonista se apaixona, e que, tal como ele, sonha com um pronto regresso ao Brasil; que lhe surripia o passaporte para conseguir algum dinheiro e assim o deixa na ilegalidade do mundo daqueles que não possuem documentos de identificação (74-77);

- Baptista Bernardo, o angolano negro, mutilado por uma mina de guerra, que atua como proxeneta da sua mulher. É a partir deste casal que se evidenciam as obrigações e objetivos da migração, sobretudo no momento em que, nas considerações do migrante regressado Carrilho (considerações essas perspetivadas pelo protagonista), se lê:

seu Carrilho [...] contou que o Baptista Bernardo [...] quando casou, pensando no futuro dos filhos, debandaram pra Lisboa, sem dinheiro e sem emprego, e, pra não morrerem de fome, a mulher prostituía, com o consentimento do marido, responsabilizando pelo pagamento das despesas do mês, e, graças a esse *expediente*, os **alfacinhas** usavam **bibes** do Jardim de Infância Santo Condestável, falavam português corretamente, proibidos de usar o **umbundo** em casa, e, verdadeiros cidadãos, iam ter a chance de ser alguém na vida, cosa que os pais não eram em Portugal e nunca tinham sido em Angola [...] (55).²⁹

Nesta passagem é dado a entender que, pelo menos para a nova geração, a dos filhos, e num país menos corrupto do que Angola, existe a possibilidade de através da adaptação (em relação à língua, ao infantário, ao vestuário) se ascender socialmente no país de acolhimento, trazendo-os assim para uma posição de ‘verdadeiros cidadãos’. O preço a pagar é o da prostituição da esposa e mãe, bem como a proibição do uso da língua-materna africana em casa. Torna-se assim evidente que o bilinguismo, dependendo da importância social e da projeção global da língua, não é tido necessariamente como uma riqueza, mas é visto (ou pode ser visto) como um fator de impedimento à integração na sociedade de acolhimento. Dito de forma mais neutra: o domínio da língua do país de acolhimento, sem erros e sem sotaque, facilita a integração; mas isto é feito à custa da língua materna e da localização identitária. Neste

²⁹ Os destaques a negrito estão presentes no texto original e são uma marca característica de Ruffato para assinalar sobretudo discursos e pensamentos de outras personagens, bem como diversas situações narrativas e dimensões temporais que ocorrem na reprodução comunicativa feita por uma personagem. Quanto às diferentes conclusões que se retiram (ou se podem retirar) destas marcações tipográficas, confronte-se com uma passagem de *Eles eram muitos cavalos*, In: CORRÊA, Marina. “Narrative Dynamik in Luiz Ruffatos *Eles eram muitos cavalos*: Verdichtung und Fragmentierung im neuen brasilianischen Großstadttroman”, In: Klengel, Susanne et al. edd. *Novas vozes. Zur brasilianischen Literatur im 21. Jahrhundert*. Frankfurt am M./Madrid: Vervuert/Iberoamericana, 2013, p.165-184 (cf.180-182).

exemplo, não é defendido um modelo transcultural de migração, mas um de assimilação.³⁰ Prova disso é o atributo destacado a negrito “alfacinhas”, uma expressão jocosa utilizada para designar os habitantes ou as pessoas oriundas de Lisboa – através deste atributo assinala-se assim, sob o ponto de vista do português Carrilho, a aparentemente já realizada integração na sociedade de acolhimento.

A este panorama de migrantes oriundos de países lusófonos junta-se igualmente o ucraniano Anatólio, o concorrente do protagonista no seu trabalho no restaurante, que é designado por si, de forma negativa e estereotipada, como um louro de olhos azuis. Aparentemente mais poliglota do que o protagonista e por isso promovido a uma categoria superior pelo monolíngue proprietário do restaurante, Anatólio domina as exigências de uma clientela globalizada de turistas com o seu bem-sucedido conhecimento de línguas estrangeiras – isto, apesar de a cozinheira portuguesa desconfiar seriamente das suas competências linguísticas: “que ele era é um **finório**, ‘Ele inventa’, não fala nada” (56).³¹

O protagonista, em si, migrou para Portugal de forma relativamente espontânea e improvisada, tal como se pode ler na primeira parte do romance. Esta vaga ideia de ir “Pro estrangeiro” (25) surgiu depois da perda do seu emprego em Cataguases e de um conhecido seu lhe ter esboçado a imagem do país como sinónimo de ‘paraíso’ para pessoas à procura de trabalho, despertando nele a ideia de um certo ‘lugar ideal’ (*ideo-scape*), associada à realidade das décadas de 1990 e 2000 e a um forte fluxo migratório para Portugal.³² Chegado a Portugal, torna-se rapidamente evidente para o próprio Sérgio, um simplório que faz lembrar os protagonistas do romance picaresco espanhol, que não há correspondência entre essa ideia e a realidade económica. Não obstante,

³⁰ A biografia de migração do casal angolano corresponde ao que durante muito tempo na investigação clássica sobre migração foi visto como uma forma linear de migração – forma essa concebida de forma demasiado homogénea. Bozdag 2013, 25-27 oferece um olhar sobre modelos de migração e a sua evolução. (In: BOZDAG, Cigdem . “Migration, Diaspora und Medien“, in: dies. Aneignung von Diasporawebsites. Eine medienethnografische Untersuchung in der marokkanischen und türkischen Diaspora. Wiesbaden: Verlag für Sozialwissenschaften, 2013, p. 25-68).

³¹ “[...] Anatólio, um garçom ucraniano louro de olho azul, que entendia o diabo de tudo quanto é idioma estrangeiro, aparecia alguém grunhindo esquisito, ele cheio de salamaleque, já laçava o sujeito [...] americano, japonês, francês, alemão, italiano, espanhol” (56).

³² “[...] o seu Oliveira [...] apoiou o intento, ‘O caminho é Portugal’, e [...] decantou as maravilhas do país pra onde todo mundo estava seguindo, e que, se mais novo, até mesmo ele voltava, ‘O momento é de reconstrução’, dinheiro não é problema, falta mão-de-obra, e os portugueses andam assoberbados, ‘Escolhendo serviço’, e sobram oportunidades pros brasileiros e pros pretos [...], ‘O lugar certo’ pra quem não tem alergia a trabalho [...]” (25f.). Sobre Portugal enquanto país de imigração nas últimas décadas do século XX, veja-se Fernandes 2015, 162s. A investigadora refere-se à afluência migratória oriunda dos países lusófonos, mas não fornece qualquer esclarecimento sobre as razões para os ucranianos considerarem Portugal como um país de destino atrativo.

aproveita os pequenos progressos que vai fazendo – tal como o trabalho como ajudante de mesa não-qualificado e não-registado – para fantasiar com um regresso à sua terra natal no Brasil na condição de homem rico:

Como o salário era bom, retomei os planos de, descontada a *pensão* pra Noemi (a sua esposa, doente mental) e pro Pierre (o seu filho, nota da autora), economizar ao máximo pra ir embora logo, comprar umas casas em Cataguases, viver de aluguel, fazendo nada o dia inteiro, subindo e descendo a rua do Comércio, sentar na praça Rui Barbosa pra conversar fiado, jogar porrinha, ver o mulhierio desfilar, o povo, ensardinado detro dos ônibus, respeitoso, me cumprimentar, Boa tarde, Serginho, Serginho não, seu Sérgio, Boa tarde, seu Sérgio, não, não, Doutor Sérgio, Boa tarde, Doutor Sérgio, quem sabe candidatar a vereador, entrar pro Rotary ou pro Lions, virar gente importante, frequentar o Clube do Remo, aparerker na coluna social do Cata-guases, abrir um negócio pro Pierre [...], mas em antes eu tinha que melhorar meu desempenho. (57)

A discrepância entre a ‘realidade’ descrita neste excerto – que indicia de forma evidente o ponto de partida da tópica história de sucesso do ‘sonho americano’ e da consequente passagem da miséria à fortuna – e a imaginada ascensão social no Brasil, de proprietário a viver das rendas de várias casas alugadas, que se torna não só numa pessoa de respeito (em vez de “Serginho” passa a ser “seu Sérgio”), mas também um acadêmico (“Doutor Sérgio”) e por fim um ator no seio da elite política e social da terra natal, tem algo de grotesco e de ingénuo. E isto porque o leitor/a tem, comparativamente com a personagem, mais conhecimentos e mais experiência de vida, que o levam a considerar estas ideias como fantasias perfeitamente desenfreadas e inconsistentes. A par disso torna-se claro que o sonho do protagonista é bastante diferente do ‘sonho americano’, que tem em vista o regresso e inclusão social no país de origem, implica a posse de bens materiais e sociais e, além disso, é transgeracional, direcionando-se para as próximas gerações.

Ainda assim, e para além destes últimos aspetos mencionados, existe de facto uma componente ‘étnica’ do sonho do sucesso. O protagonista masculino, que se descreve a si mesmo como um ser mestiço oriundo de três etnias (“misturado carregado sangue coropó, lusitano e escravo”, 25), imagina o seu regresso ao Brasil casado com uma alemã alta e branca, admirado e invejado por todos os homens da sua terra natal. Esta fantasia tem origem no encontro com uma prostituta alemã, de cabelos ruivos, corpo lácteo e olhos azuis:

[...] e eu ali, encostado nela, já imaginando nós dois desembarcando, casados, em Cataguases, o povo em roda se empurrando pra avizinhar da gente, “Serginho, caralho, onde arrumou esse monumento?” [...] (59).

O que estes excertos sobre as fantasias de Sérgio evidenciam, justamente nesta sua capacidade de hiperbolização, é a dimensão utópica, imaginativa que, em pleno acordo com a aceção de Appadurai, assinala as suas decisões de emigrar ou de regressar. Ruffato destaca aqui de forma ficcional um aspeto que, nos últimos tempos, tem centrado as atenções na investigação sociológica no que diz respeito à migração (transgeracional) de retorno, nomeadamente em relação à questão do estatuto social dos emigrantes – tanto encarados ou como supostos traidores (à pátria), que abandonam o seu país por razões (materiais) egoístas, que destroem as estruturas familiares (uma das recriminações mais ouvidas contra migrantes do sexo feminino) ou como heróis, que através das remessas enviadas contribuem, entre outros aspetos, para a construção da terra natal.³³ A isto junta-se a questão sobre a partir de quando é que o retorno será possível, sem que seja encarado pela própria pessoa que regressa ou pelos que o rodeiam como um fracasso ou um insucesso (vd. Cattarulla 2012³⁴ e 2013³⁵; Da Tosca 2011; Bosshard & Gelz 2015)³⁶.

Sérgio imagina a sua inclusão na sociedade e a ascensão social na sua terra natal do Brasil, enquanto o casal angolano se encontra empenhado em concretizar essa inclusão e ascensão em Portugal em prol dos seus filhos. Comum a todos estes projetos é o tema da língua, do multilinguismo e da ‘assimilação’ linguística, no fundo de elementos que realçam a pertença a um determinado grupo (imaginado), uma *ethnoscape*. De facto, e uma vez que este tema assume no romance um destaque considerável, vale a pena olhá-lo com particular atenção.

³³ Confrontar com os estudos de Schurr & Stolz 2010 sobre a importância de mulheres migrantes do Equador enquanto suposto perigo para as estruturas sociais da terra natal, dado que elas abandonam as suas famílias, ou sobre o estatuto dos migrantes mexicanos nos EUA, que durante bastante tempo eram vistos como ‘traidores’ no seu país de origem (In: RIVERA SÁNCHEZ, Liliana. “¿Quiénes son los retornados? Apuntes sobre el migrante retornado en el México contemporáneo”, In: Feldman-Bianco, Bela & Rivera Sánchez, Liliana et al. edd. La construcción social del sujeto migrante en América Latina: Prácticas, representaciones y categorías. Buenos Aires/Quito: CLACSO/FLACSO, 2011, p. 309-338).

³⁴ CATTARULLA, Camilla. “Migraciones a Argentina: Interdisciplinariedad y multidisciplinariedad de la crítica literaria en Italia (1975-2010)”, In: González Martínez, Elda Evangelina & Merino Hernando, María Asunción. edd. De ida, vuelta y doble vuelta: Nuevas perspectivas sobre emigrantes, inmigrantes y retornados en España y América. Madrid: Polifemo, 2012, p. 265-292.

³⁵ CATTARULLA, Camilla. “L’Italia in Argentina: un’avventura identitaria tra integrazioni e conflitti”, in: Mondi Migranti. Rivista di studi e ricerche sulle migrazioni internazionali, 1, 2013, p. 235-250.

³⁶ BOSSHARD, Marco Thomas & GELZ, Andreas. Return Migration in Romance Cultures. Freiburg im Breisgau/Berlin: Rombach, edd. 2015.

2. *Ethnoscape*: língua e exclusão

Ruffato apresenta não só diversas experiências – todas elas quase sempre fracassadas – de ascensão social enquanto causa de migração, mas encena também, através das vozes das biografias de migração, a polifonia dos países lusófonos. Mesmo quando não se refere explicitamente à *ideoscape* que lhe está diretamente associada, à ideia política de uma comunidade (paritária em termos de direitos) destes países (Becker 2015, 205; 227s.) – a Comunidade dos Países da Língua Portuguesa fundada em 1996 –, esta polifonia acaba por ser permanentemente evocada: tanto através das várias origens das personagens, que vão sendo designadas pelo narrador, como através dos seus discursos, que tornam audível a diversidade da língua portuguesa no léxico, na ortografia e na oralidade simulada.³⁷ Isto é aliás evidente nos diálogos que o protagonista reproduz reiteradamente de forma filtrada, como por exemplo nesta exposição do português Carrilho sobre aquilo que soube, através de Bernardo, sobre Angola:

[...] Angola, onde, isso ouvi da boca do Baptista Bernardo, os que ganharam a guerra, a *elite*, mandavam os filhos **fazer banga** em Lisboa [...] roubando o país como os **tugas** antes, e o povo, na mesma pobreza, enfiado nos **musseques**, nas **sanzalas** [...] (55).

Encontram-se aqui destacadas a negrito expressões típicas oriundas de África, que evocam uma hibridização, pelo menos no que à dimensão linguística diz respeito: “tuga”, aférese para “portuga”, uma expressão brasileira, e em ambos os casos uma designação depreciativa para os portugueses (Novo Aurélio 1999, lema “tuga” e “portuga”, 2015 e 1613). Para além desta, também se leem expressões angolanas: “musseque” para bairro pobre; “sanzala”, uma designação em são-tomense para uma aldeia tradicional, ou seja, para as habitações e casas dos trabalhadores e criadagem (id. 1385 e 1813); “fazer banga”, oriunda do tsonga moçambicano e que significa “festejar, fazer festa” (id. 266).

A par do colorido e regional modo de falar de Cataguases do protagonista assinala-se neste parágrafo a variedade do Português nas suas modulações regionais, marcadas desde os (violentos) contactos culturais do tempo colonial; ou então, utilizando as palavras de Bachtin, este é um excerto que faz prova da polifonia, da variedade discursiva, da pluralidade de vozes, com palavras sobrepostas com múltiplos sentidos, que são usadas e entendidas pela comunidade de falantes.

Apesar disso, a ideia da ‘norma’ hegemónica de um ‘Português standard’ conduzido por Portugal acaba por ser recorrentemente tematizada num plano performativo – algo que se assinala desde logo na história de assimilação da família angolana quando é referido que não

³⁷ Como por exemplo no discurso direto de um cabo-verdiano: “ó brasileiro pa bosê” (53).

seria permitido falar a própria língua materna africana, Umbundu, em casa, mas que falar Português seria de facto um ponto importante (vd. *supra*, cf. 55). Para além disso, e dependendo do grau do seu domínio ou de adaptação à norma europeia, acentua-se de facto no romance o papel da língua portuguesa enquanto fator de exclusão e de desvalorização hierarquizada, ou seja, enquanto fator decisivo para uma integração bem ou malsucedida. É que apesar de uma certa base cultural comum entre o Brasil e Portugal, algo relacionado com o futebol, são destacadas no romance as diferenças entre as pessoas pertencentes aos dois países, diferenças essas associadas a hierarquizações e depreciações. Tal pode ser encontrado de forma explícita no que diz respeito à língua brasileira e à sua matização regional exibida pelo protagonista perante um poeta português, que lhe é apresentado de forma hiperbólica como “Alma Ambulante da Vida Cultural Portuguesa” (51). Todavia, isto só leva a um certo gozo depreciativo do poeta quanto ao sotaque desta língua, considerada homogeneamente como ‘brasileira’ (cf. 51).³⁸ Uma depreciação idêntica encontra-se igualmente na classificação dos conhecimentos linguísticos do protagonista feita pela colega portuguesa no restaurante, a cozinheira, que o avalia com um categórico “mau Português”, só podendo ser batido pelo do ucraniano (56). O poeta e a cozinheira representam os traços negativos, neocoloniais, reveladores da maioria das personagens portuguesas do romance em relação aos imigrantes brasileiros.³⁹ Idêntica é também a percepção dos brasileiros: sentem-se pouco valorizados, são tratados de forma depreciativa, sem nome e sem terra: “[...] Nem nome temos”, somos os *brasileiros*”, queixa-se um compatriota do protagonista: “E o que a gente é no Brasil?”, nada também, somos os *outros*” (78). Tal é visto por si como um destino irremediável da classe trabalhadora, que no Brasil não tem qualquer hipótese de alcançar ascensão social e rendimentos materiais por meios legais (“[...] o trabalhador [...] este morre à-míngua”; 78). A migração é um resultado quase obrigatório desta falta de oportunidades, algo que tanto apresenta uma visão bastante crítica da situação no Brasil (id.),

³⁸ Uma arrogância dos portugueses enquanto nação, que vive no passado e honra os seus poetas enquanto ícones nacionais, é evidenciada nesta cena e mais tarde tratada de forma carnavalesca quando se descobre que o muito aclamado poeta, de acordo com o informador do protagonista, vive supostamente de autógrafos falsificados de um escritor já falecido (52), chegando mesmo a receber, na condição de mendigo ligeiramente confuso, uma esmola do protagonista (80).

³⁹Rings (2016, 14s.) refere-se, tal como outros renomados investigadores do pós-colonialismo, à existência de estruturas e formas de pensamento binárias neocoloniais que perduraram mesmo após a independência e a descolonização dos territórios. Rings alerta igualmente, porém, para a necessidade de não simplificar as condições complexas próprias de um mundo globalizado, limitando a análise apenas a fenómenos ‘neocoloniais’ homogêneos. (In: RINGS, Guido. *The Other in Contemporary Migrant Cinema. Imagining a New Europe?* New York/London: Routledge, 2016).

como também coloca em evidência o porquê de a Europa se poder estar a desenvolver como plataforma de projeção. O que se torna patente é como diferentes categorias, tanto ao nível étnico, nacional, linguístico e social, funcionam como mecanismos de exclusão. Lisboa torna-se o lugar em que as línguas, ou melhor, as singularidades linguísticas do Português, da história de violência e usurpação hegemónica e de exclusão se cruzam e remetem para um plano individual e para um plano político propagado pela Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, assinalando um espaço vazio. No romance, encontra-se, quando muito, uma comunidade na solidariedade dos pobres, dos homens migrantes oriundos do espaço lusófono que vivem à margem da sociedade e que apoiam o protagonista na sua situação de emergência (58).

A atitude das personagens portuguesas contra a língua “dos” brasileiros expressa no romance – atitude essa algo cética, jocosa ou até depreciativa – parece prolongar-se no paratexto, no enquadramento do texto que se encontra no limiar entre a ficção e o mundo real. Ou de que outra forma deverá ser interpretada a alteração do título senão como uma apropriação neocolonial da diferença, como desprezo por uma outra prática linguística, formada na América, e para as quais foram apenas decisivas as razões de marketing? Na capa da edição original da editora brasileira Companhia das Letras, de 2009, consta o título brasileiro na linguagem corrente “Estive em Lisboa e lembrei de você” (Fig. 1, realce da autora), sem pronome reflexivo e com a terceira pessoa do singular do pronome pessoal em destaque, enquanto que na capa da editora portuguesa Quetzal⁴⁰, de 2010, se destaca no título a forma (mais) correta(?) com o pronome reflexivo enclítico e mais comum em Portugal do pronome pessoal da segunda pessoa (Fig.2). Com esta extinção da ‘alteridade’ linguística que aponta para fortes marcas da oralidade visíveis logo na capa original, o que é certo é que uma determinada identidade ‘brasileira’ ou melhor, uma identidade regional brasileira, se torna de facto invisível.⁴¹ Parece então ser evidente – porventura de forma involuntária – quem assume a liderança no grupo da *Lusofonia*, no seio de uma ‘comunidade de países falantes de língua portuguesa’ com propaganda política e apoio financeiro.

⁴⁰ RUFFATO, Luiz. *Estive em Lisboa e lembrei-me de ti*. Lisboa: Quetzal Editores, 2010.

⁴¹ Agradeço a Cláudia Nogueira-Brieger o seu comentário sobre este ponto.

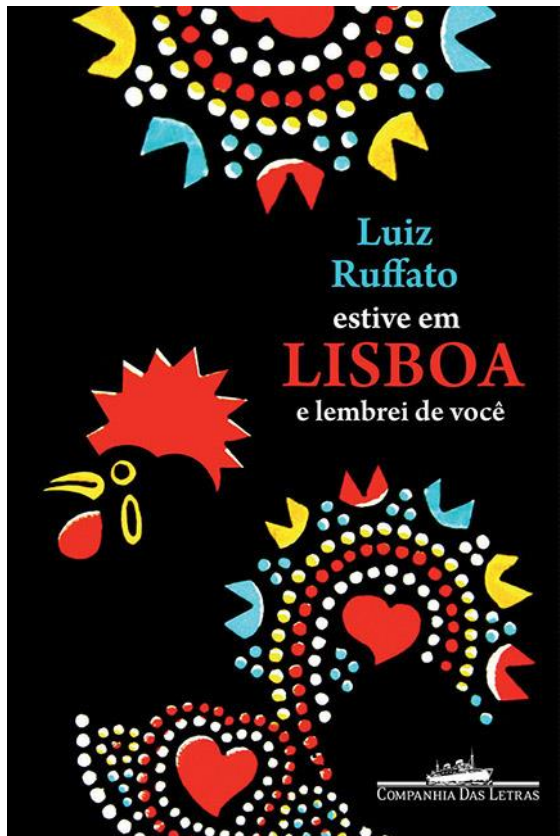


Figura 1: disponível em:
<https://www.companhiadasletras.com.br/detalhe.php?codigo=12862>

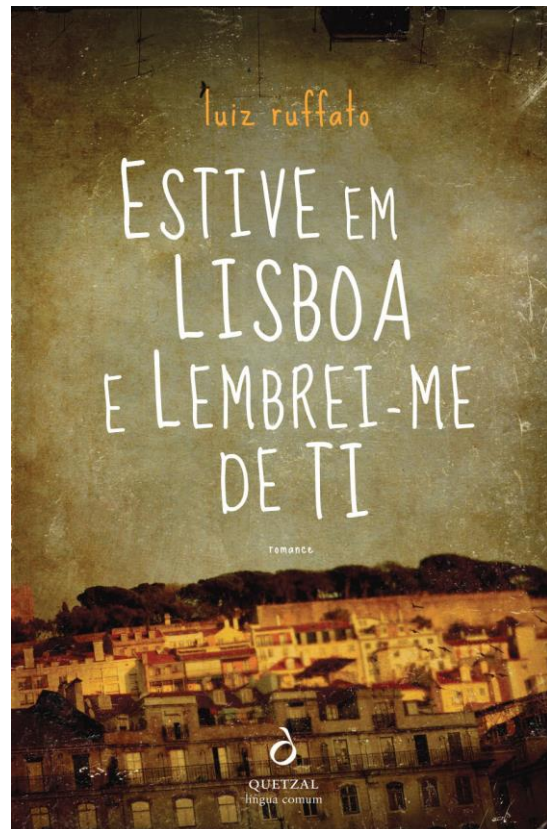


Figura 2: disponível em:
<https://quetzal.blogs.sapo.pt/203100.html>

Resumindo:

O romance expõe os lados sombrios da migração através daqueles que, por não terem uma formação internacional, não se conseguem adaptar às exigências de um mercado globalizado, ficando para trás numa luta competitiva que se adivinha cada vez mais feroz pelos postos de trabalhos e pelos rendimentos financeiros. A língua é destacada no romance como um fator decisivo para o acesso, para a ascensão e para o sucesso no seio de um modelo de migração baseado na assimilação. Através da língua materna, como também através das línguas estrangeiras, do dialeto ou do socioleto, assinala-se a pertença a um grupo (por exemplo ao grupo daqueles que são cosmopolitas, que são capazes de, também em termos linguísticos, dar resposta aos desafios da globalização) ou, antes pelo contrário, é indicada precisamente a não-pertença a qualquer grupo. A língua pode ser utilizada, de igual modo, como critério para as diferenças, para a (des)valorização e para a exclusão. Tal sucede no romance através da importância explícita de uma

‘língua standard’ fixada como norma, o Português do centro (europeu), que se opõe à língua em certa medida caracterizada como ‘inferior’ da periferia lusófona, língua essa que é ao mesmo tempo encarnada de forma carnavalesca pela figura do ‘poeta’ português. Não se trata assim tanto da incompreensão linguística e do não-entendimento, mas sim da hierarquização, da estandardização e da depreciação do outro por parte dos indivíduos portugueses num estilo hegemónico, neocolonial. A *ethnoscape* frequentemente evocada nos discursos oficiais de Portugal e controversamente discutida de uma *imagined community* associada a uma lusofonia unificadora, propagada como uma união entre iguais e igualdade de direitos de todos os parceiros tem lugar no romance tanto no plano das personagens, como no plano paratextual, sendo permanentemente posta em causa. De igual modo, também a concretização de um ‘sonho europeu’ vai sendo adiada para um tempo incerto.⁴²

Verena Dolle é Professora Catedrática de Literaturas e Culturas Românicas (Espanha, América Latina e Portugal) na Universidade Justus-Liebig de Giessen desde 2009. Sua especialidade é literatura colonial hispano-americana e literatura e cultura latino-americanas contemporâneas (representações da violência; literatura judaica latino-americana, migração e tradução cultural no mundo globalizado). Dentre suas publicações recentes estão *Múltiplas identidades. Literatura judeolatinoamericana de los siglos XX y XXI* (Madrid/Frankfurt 2012), *La representación de la Conquista en el teatro latinoamericano de los siglos XX y XXI* (Hildesheim, 2014), *Poesia do terceiro espaço. Lírica lusófona contemporânea* (Frankfurt, 2014, together with A. Begenat-Neuschäfer). No prelo, (com H. Bonito Pereira and A. Begenat-Neuschäfer): *Migrações literárias e artísticas: África – Brasil – Europa* (Berlin, 2018).

⁴² Outras referências de apoio utilizadas pela autora: ANDERSON, Benedict. *Imagined Communities: Reflections on the Origin and Spread of Nationalism*. London: Verso, 1983; DA COSTA TOSCANA, Ana María. “El inmigrante en la literatura argentina”, in: González Martínez, Elda & Merino Hernando, Asunción. edd. *De ida, vuelta y doble vuelta: Nuevas perspectivas sobre emigrantes, inmigrantes y retornados en España y América*. Madrid: Polifemo, 2012, p. 293-305; DOLLE, Verena. “Amerika als Ort der Freiheit? Die Eroberung Mexikos als Erinnerungsort in *Captain from Castile* (USA, 1947)”, In: Fendler, Ute & Wehrheim, Monika. edd. *Entdeckung, Eroberung, Inszenierung: Filmische Versionen der Kolonialgeschichte Lateinamerikas und Afrikas*. München: Meidenbauer, 2007, p.27-52 ; RUFFATO, Luiz. *Mamma, son tanto felice* (*Inferno provisório*, I). Rio de Janeiro et al.: Editora Record, 2005; RUFFATO, Luiz. *O mundo inimigo* (*Inferno provisório*, II). Rio de Janeiro et al.: Editora Record, 2005; RUFFATO, Luiz. *Wir waren immer gewalttätig*, In: *Der Spiegel* 20, 12.5.2014, 2014, p.77-79.